

SENTIDOS DO CONSUMO DE DROGAS POR HOMENS HOMOSSEXUAIS NO CONTEXTO DE LAZER DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO¹

Recebido em: 30/01/2024

Aprovado em: 13/08/2024

Licença: 

*Rafael Marques Garcia*²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0837-1493>

*Rafael Fortes (in memoriam)*³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7071-3725>

RESUMO: Neste estudo exploramos o uso recreativo de drogas em três espaços, a saber: uma boate, uma academia de ginástica e a Praia de Ipanema, todos no Rio de Janeiro/RJ, objetivando compreender os sentidos atribuídos ao consumo de drogas por homens homossexuais da região metropolitana do Rio de Janeiro. A pesquisa é de natureza qualitativa e etnográfica. Para coleta de dados, o pesquisador, durante 2019-2023, integrou-se a um grupo diversificado de homens gays no Rio de Janeiro, explorando o consumo de drogas em espaços específicos de seus cotidianos. Por meio de observações e interações, registradas em um diário de campo virtual, percebemos que o consumo de drogas se integrava ao estilo de vida desses sujeitos de modo intencional e com objetivos estéticos, para intensificar o prazer e a intimidade em encontros sociais e amorosos, bem como elevar a diversão a um patamar intenso de interações sociais significativas e únicas.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer e drogas. Homossexualidade masculina. Rio de Janeiro.

**SENSES OF DRUG CONSUMPTION AMONG HOMOSEXUAL MEN IN THE
LEISURE CONTEXT OF THE METROPOLITAN AREA OF RIO DE JANEIRO**

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Edital nº 11/2022 de Prêmio CAPES de Tese, Número do Processo: 88887.807915/2023-00.

² Doutorado em Educação Física pelo PPGEF/UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-Líder do GECOS – Grupo de Estudos em Esporte, Corpo e Sociedade.

³ Doutorado em Comunicação pela UFF. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (UFRJ); Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX (FCRB); e Laboratório de Estudos Contemporâneos (FURB).

ABSTRACT: In this study, we explore the recreational use of drugs in three settings, namely: a nightclub, a gym, and Ipanema Beach, all located in Rio de Janeiro/RJ, aiming to understand the meanings attributed to drug consumption by homosexual men in the metropolitan area of Rio de Janeiro. The research is qualitative and ethnographic in nature. For data collection, the researcher, from 2019-2023, immersed himself in a diverse group of gay men in Rio de Janeiro, exploring drug consumption in specific spaces of their daily lives. Through observations and interactions, documented in a virtual field diary, we noticed that drug consumption was intentionally integrated into the lifestyle of these individuals for aesthetic purposes, to enhance pleasure and intimacy in social and romantic encounters, as well as to elevate entertainment to a heightened level of meaningful and unique social interactions.

KEYWORDS: Leisure and drugs. Male homosexuality. Rio de Janeiro.

Introdução

Na contemporaneidade, as oportunidades para experimentar o lazer abrangem uma variedade de situações influenciadas por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. O lazer pode ser entendido como uma atividade escolhida de forma livre, visando proporcionar prazer e satisfação, ou seja, nos momentos que não são dedicados ao trabalho ou outras atividades com cunhos obrigatórios (Marcellino, 1998).

Nessa ótica, as práticas de lazer convencionais, também chamadas de habituais e socialmente aceitas, compõem um conjunto amplo dentro das opções culturais para vivenciar o divertimento, tanto de forma individual quanto coletiva. Além desse cenário, surge o conceito de “lazer anormal” - ou desviante⁴ -, introduzido pelo sociólogo britânico Chris Rojek (1999).

Conforme ressaltado por Romera e Martins (2017) e Castilho (2023), esse enquadramento não tem como objetivo rotular as práticas de lazer de maneira

⁴ Castilho (2023) explica que o uso do termo “desviante” é mais bem aceito e universalizado no campo das Ciências Humanas por ser uma tradução mais condizente com a palavra inglesa “deviance”. Todavia, reforça que o uso de outras nomenclaturas, como “marginal”, por exemplo, pode potencializar os sentidos e significados atribuídos a uma prática que sinaliza sujeitos à margem para além do que comportamentos sociais já etiquetados. Nesse texto, tomaremos como sinônimos os termos “anormal”, “desviante” e “marginal” quando empregados às práticas de lazer por sinalizarem práticas divergentes do que aquelas já consolidadas ou bem aceitas no universo do lazer, entendendo que sinalizam “momentos outros” que se destoam de uma dada normalidade social.

antagônica, nem atribuir juízos morais ou patológicos a essas atividades. Pelo contrário, busca considerar as diversas formas de compor, viver e experimentar o lazer, seja por meio de tensões e rupturas em relação aos conhecimentos usuais, que podem ser considerados “normais”, “desviantes”, “marginais”. Rojek (1999), ao analisar o “abnormal leisure”, explica que tal não se restringe apenas às práticas violentas, podendo se configurar de três formas distintas, porém interconectadas, sendo: invasivo, mefítico e selvagem.

O lazer invasivo ocorre quando o sujeito se torna incapaz de construir relacionamentos viáveis em termos sociais, isto é, a busca pelo lazer se dá como forma de se afastar da vida cotidiana. Nesta seara, o sujeito almeja mascarar elementos considerados inválidos sob o prisma de que as condições sociais envolvidas neste processo não se alterarão. Como resposta, desenvolve-se um sentimento hostil, de frustração e falta de autenticidade que são internalizados e se tornam preeminentes na vivência do lazer, já que nas esferas profissional e/ou familiar, tais sensações podem ser ignoradas pela ocupação social.

Embora os sujeitos que vivenciem o lazer invasivo possam transparecer uma figura de bonomia e companheirismo para com seus pares, por vezes apresenta em seu interior uma série de conflitos e divergências que os desqualificam e possibilitam uma leitura de invalidez, onde o lazer seria acionado justamente para atenuar essa sensação inferior, de tristeza e/ou vazio, através do uso de álcool e/ou drogas, por exemplo (Rojek, 1999).

Já o lazer mefítico nomeia uma espécie de lazer nocivo, onde o sujeito transfere para terceiros sentimentos de agressividade, abusividade e invalidez, passando a objetificar as outras pessoas para torná-las fontes de gratificação física ou mental. Neste

cenário, percebe-se uma relação muito íntima entre as fontes de prazer e os processos de mercantilização da prática do lazer, sendo um exemplo deste tipo o turismo sexual (se observado pela ótica de diversão do sujeito consumidor). Dependendo do caso, o sujeito pode elaborar quadros fantasiosos para erradicar os outros, vindo o prazer do sofrimento alheio. Essa seria uma forma de se acumular altos prazeres restritos e/ou negados à vida cotidiana, tais como os casos de assassinos em série (Rojek, 1999).

E, por fim, o lazer selvagem configura-se por padrões invasivos e mefíticos interconectados para potencializar a vivência do lazer baseando-se em oportunidades, tendendo a ser esporádicos e se constituírem através de atos transgressores da noção de limites à vida cotidiana. Nesta leitura, o lazer selvagem viria da quebra de regras, de se desviar do que se configura como reto e/ou normal, exemplificados pelos atos de vandalismos, por exemplo (Rojek, 1999).

A partir dos pressupostos de Rojek (1999), lançaremos maior atenção sobre o lazer invasivo e selvagem de forma a vislumbrá-lo em suas complexidades. O uso de drogas, nesse sentido, pode apresentar sentidos outros para além do que como lidar com possíveis sentimentos negativos sobre si (Castilho, 2014). Sabe-se, por exemplo, que drogas e lazer são dois aspectos entrelaçados do comportamento humano que têm sido objeto de significativo interesse e estudo (Dias, 2008; Fiore, 2013; Romera, 2014). A relação entre o uso de drogas e as atividades de lazer é complexa e influenciada por vários fatores sociais, culturais e individuais. Para algumas pessoas, o uso de drogas é visto como uma maneira de aprimorar suas experiências de lazer, escapar das realidades cotidianas ou explorar estados alterados de consciência. O uso de drogas durante o tempo de lazer pode ser percebido como um meio de relaxamento, prazer ou autoexpressão, e pode estar associado a encontros sociais, festas, festivais de música ou

outros eventos recreativos nos quais o uso de drogas é normalizado ou até celebrado (Romera, 2014).

A relação entre drogas e lazer é influenciada por atitudes mais amplas da sociedade, estruturas legais e normas culturais (Velho, 1998; Becker, 2008). A percepção e aceitação do uso de drogas variam em diferentes sociedades e comunidades, e algumas drogas são socialmente aceitas e consideradas parte das práticas de lazer em determinados contextos, enquanto outras são estigmatizadas e associadas a comportamentos desviantes (Simões, 2008; Henman, 2008; Coutinho, 2008; MacRae, 2021).

Compreender a dinâmica do uso de drogas no contexto do lazer requer uma análise abrangente das motivações individuais, dinâmicas sociais e dos fatores culturais e estruturais mais amplos que moldam esses comportamentos (Romera, 2008; 2009; 2013; 2014; Pasquim; Soares, 2015; Rocha; Halpern, 2019; Freitas, 2020). Neste estudo, exploramos o uso recreativo de drogas em três espaços, a saber: uma boate, uma academia e a Praia de Ipanema, todos no Rio de Janeiro/RJ. Temos por objetivo compreender os sentidos atribuídos ao consumo de drogas por homens homossexuais da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Selecionamos esses três espaços com base em sua importância e popularidade na cultura de lazer da região metropolitana do Rio de Janeiro. Cada espaço representa um contexto interconectado e está presente na vida cotidiana dos participantes desta pesquisa, que são homens cisgênero e homossexuais. O interesse em pesquisar sobre esse público em especial parte de pesquisas anteriores (Gontijo, 2002; 2020; Ribeiro, 2015; Garcia, 2022; 2023a; 2023b; Garcia; Fortes, 2023), que identificaram desfechos de drogatização remetentes à construção de um tipo de corpo que goza de prestígios

físicos, sociais e sexuais de forma potencializada, demonstrando os sentidos do consumo das substâncias por este público.

A configuração da boate foi escolhida porque é um conhecido ponto de encontro para vida noturna e entretenimento, atraindo uma variedade de homens gays em busca de lazer e interação social (França, 2010). O uso de drogas nesse ambiente muitas vezes está associado a aprimorar a experiência na boate, intensificar percepções sensoriais e prolongar o prazer da música e da dança (França, 2010; Carvalho, 2016; Braga, 2018).

O ambiente da academia foi incluído devido à tendência emergente do uso de drogas no processo de fitness e musculação desses homens. Alguns usam drogas como substâncias para aprimorar o desempenho ou alcançar uma determinada aparência física, fornecendo novas perspectivas sobre a interseção de lazer, imagem corporal e uso de substâncias (Sabino, 2002; Gontijo, 2002; Silva, 2017; Garcia, 2022; 2023a), o que chama nossa atenção.

Por último, a Praia de Ipanema foi selecionada por ser uma das praias mais icônicas e frequentadas do Rio de Janeiro. Mais precisamente, focamos na área entre as estações de salva-vidas 8 e 9, conhecida internacionalmente como “a faixa gay” das praias da cidade (Ribeiro, 2015; Gontijo, 2002; 2020). A cultura da praia está profundamente enraizada nas atividades de lazer tanto dos locais quanto dos turistas, contribuindo para oferecer um espaço descontraído e aberto para socialização, recreação e banhos de sol, mas também para atividades outras. O uso de drogas nesse ambiente muitas vezes está associado a relaxamento, aprimoramento da experiência na praia e promoção de um senso de conexão com a natureza e os colegas (Gontijo, 2020; Garcia; Fortes, 2023).

Metodologia

A pesquisa em questão é de natureza qualitativa e etnográfica. A abordagem teórica sobre etnografia que baliza esse trabalho, sobretudo em pesquisas envolvendo drogas, parte de um compilado de autores que já propuseram abordagens semelhantes, tais como Gilberto Velho (1998), Edward MacRae (2021) e Maurício Fiore (2013). Após identificar a comunidade/grupo social que se desejava analisar, os procedimentos para entrada em campo levaram em conta os simbolismos marcados pelo espaço social em questão (Stigger; Myskiw, 2021) e foram organizados da seguinte forma:

Durante o período de 2019 a 2023, o pesquisador frequentou os mesmos espaços que um grupo específico de homens gays no Rio de Janeiro, mantendo-se em contato próximo com o público investigado, estabelecendo vínculo social e afetivo significativo nesse processo - liminaridade, mutualidade, interação (Stigger; Myskiw, 2021). Participou do estudo um grupo diversificado em termos de raça, idade e classe social. Todavia, alguns marcadores foram caracteristicamente iguais, tais como a identidade de gênero “homem”, orientação sexual “gay” e somatotipo corporal “barbie”.

França (2010) explica que o termo “barbie” é empregado para descrever um estereótipo de homem gay musculoso, frequentemente associado à classe média/alta, com uma aparência considerada mais “masculina” devido ao seu capital corporal (forte, esbelto, musculoso). Sua origem remonta ao final dos anos 1990, quando foi importado dos Estados Unidos para o Brasil, especialmente associado a festas como a X-Demente, sediada no Rio de Janeiro. Inicialmente, a subcategoria “barbie” estava ligada de maneira mais positiva a rapazes extremamente musculosos. Com o tempo, o termo adquiriu conotações negativas dentro do meio LGBTI+, passando a ser utilizado de forma pejorativa por outros subgrupos da sigla para descrever homens envolvidos em

uma cultura que seria percebida como alienada, fútil e consumista, caracterizada por indivíduos imediatistas, carentes de conteúdo e associados ao uso de drogas (França, 2010).

Essas características, embora estigmatizadas, foram importantes para a edificação dessa pesquisa, uma vez que o pesquisador, sendo um homem gay afetiva e sexualmente atraído por barbies, estabeleceu uma relação de proximidade e envolvimento com os participantes. Essa aproximação permitiu maior penetrabilidade no grupo estudado, participando ativamente de eventos, malhando junto, saindo e festejando junto com os interlocutores. Ao agir como um típico membro da comunidade gay do Rio de Janeiro, o pesquisador pôde vivenciar de forma autêntica e imersiva a cultura e os comportamentos dos homens gays desse grupo específico que consumia drogas. Essa abordagem permitiu uma maior compreensão e a obtenção de informações contextualizadas sobre as dinâmicas sociais, interações e vivências desse grupo.

É importante ressaltar que os participantes não tiveram conhecimento da pesquisa em andamento, pois a natureza sensível e moralmente julgativa do tema poderia afastá-los dessa iniciativa, com receio de estigmatizações e/ou outras respostas sociais no campo privado envolvendo família, trabalho, entre outros. Tornou-se necessário desenvolver o estudo de forma encoberta, de acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais. Frisa-se que essa proposta foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HUCFF/UFRJ), sendo o nº do CAAE: 26649419.8.0000.5257.

Desse modo, a coleta de dados ocorreu por meio da imersão no dia a dia dos interlocutores, a partir das vivências/observações atentas e interações com os participantes nos próprios ambientes que o público frequentava, com ênfase para três deles: a academia de ginástica, a praia de Ipanema e uma boate de festas noturnas. Todas as experiências, percepções e reflexões foram registradas em um diário de campo virtual a partir do aparelho celular do pesquisador, abarcando simultaneamente a entrada em campo, a produção de estranhamentos e as situações com os interlocutores (Stigger; Myskiw, 2021). Isso permitiu obter informações ricas e detalhadas sobre as práticas, comportamentos e interações sociais dos homens gays que consumiam drogas para variados fins.

A análise dos dados foi conduzida retrospectivamente e continuamente, utilizando uma abordagem indutiva e interpretativa inspirada em nosso arcabouço teórico (Velho, 1998; Rojek, 1999; Gontijo, 2002; 2020; Fiore, 2013; Castilho, 2014; 2023; MacRae, 2021; Stigger; Myskiw, 2021; Garcia, 2022; 2023a; 2023b. Garcia; Fortes, 2023). Buscou-se identificar padrões, temas e significados emergentes a partir dos dados coletados, levando em consideração o contexto sociocultural e as nuances das experiências vividas pelos interlocutores. A partir disso, a seção a seguir foi organizada em três blocos, sendo a- As festas de música eletrônica; b- A academia de ginástica e; c- A praia de Ipanema.

Resultados e Discussões

As Festas de Música Eletrônica

A literatura já apresenta o cenário das festas noturnas como importante evento de manifestação das relações humanas e vínculos sociais, atuando como criador ou

fortificador de laços entre seus frequentadores (França, 2010; Carvalho, 2016; Braga; 2018). É neste espaço, também, que o consumo de drogas se casa com as intenções de lazer do público ao sugerir uma experiência extasiante e repleta de sensações mútuas entre corpos, música, dança etc. (Coutinho, 2008), e pode ser muito significativo na constituição de identidades e sujeitos na modernidade, principalmente homens gays. Ao citar as contribuições do antropólogo Edward MacRae, Braga (2018) ressalta que MacRae foi um dos pioneiros na discussão das sociabilidades homossexuais, destacando a relação entre o avanço da visibilidade da homossexualidade e o surgimento de espaços de lazer noturnos voltados para as pistas de dança como um importante fator na formação de identidades sexuais não-heterossexuais, especialmente nos grandes centros urbanos dos países ocidentais ao longo do século XX.

No que tange a nossa pesquisa, percebemos que o consumo das substâncias nos momentos das festas tinha variados fins, desde atingir um estado de não-consciência, esquecer dos problemas ou sentir-se fora do próprio corpo. Alguns depoimentos que exemplificam essa afirmação são:

P1: Consigo escapar das pressões e preocupações do dia a dia. É como se eu pudesse desligar minha mente e simplesmente me perder no presente... voar... por isso me entupo de *key* mesmo.

P2: A “colocação” me ajuda a lidar com situações difíceis e traumas do passado, sabe? Assim esqueço e consigo aproveitar a vida... tudo se resolve com esse *padê* aqui.

P3: Quando estou “colocado”, me sinto leve, desconectado. É como se eu pudesse experimentar uma realidade completamente diferente e escapar das limitações daqui, entendeu?

P6: Gosto de tremer, sair do corpo, ficar louco. Se não for para ser assim, nem quero.

P7: Vou “fazer” mais [colocação]. Ainda to muito leve. Quero “insano”, quero perigo!

Esses relatos ilustram como alguns participantes recorriam ao uso de substâncias para buscar momentos de fuga, relaxamento, alteração da percepção da realidade ou ainda, meios de se vivenciar uma situação de risco. No contexto abordado, os interlocutores utilizam um vocabulário específico para se referirem ao uso de drogas. “Fazer colocação” significava fazer uso de drogas, “estar colocado” significava estar sob efeito de drogas. Chamou-nos a atenção o estabelecimento desses códigos como uma linguagem própria, uma vez que até as substâncias recebiam outros nomes, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: Substâncias e seus pseudônimos

Substância	Pseudônimo	Forma de consumo	Efeito(s) desejado(s)
Cocaína	Padê	Pó aspirado	Estimulação do SN, euforia, alucinação
Cetamina	Key, Special Key, Vitamina K, Keyla	Pó aspirado	Depressão do SN, alucinação, leveza
Anfetamina, metanfetamina	Bala, balinha, MD, Helena, kristal	Comprimido via oral e/ou grânulos	Estimulação do SN, euforia, alucinação
Ácido gama-hidroxibutírico (GHB)	Gi, Gina, Gisele	Líquido via oral	Depressão do SN, euforia, hiperestimulação
Dietilamida do ácido lisérgico (LSD)	Doce, papel, figurinha	Comprimido ou adesivo sublingual	Estimulação do SN, alucinação
Cocaína com cetamina	Calvin, Calvin Klein	Pó aspirado	Estimulação e depressão do SN, alucinação, agitação
Cetamina com anfetamina	Special	Pó aspirado	Estimulação e depressão do SN, alucinação, agitação
Poppers	Poppers	Vapor inalado	Alucinação, relaxamento

Fonte: Os autores

Legenda: SN = Sistema Nervoso

Essa linguagem estabelecia o código das drogas para o grupo, mas para além de facilitar a comunicação, também desconstruía estereótipos sobre as substâncias e denunciava outras formas de se compreender, simbolicamente, determinada droga. Dito de outra forma, nos momentos de lazer desse grupo de homens homossexuais, ninguém ali usava drogas, porque “usar drogas” é algo associado às baixas classes e a quem apresenta problemas de abuso com determinada substância, conforme já associaram Velho (1998) e Becker (2008). Já o “fazer colocação” ou usar “padê” os coloca no

protagonismo da ação, no controle, de modo que se sintetizem sobre as drogas e não o inverso. Isso se percebe na resposta de alguns interlocutores quando questionados sobre isso:

P4: Usar droga não, a gente faz colocação. Quem usa droga é porque já tá viciado, a gente não, aqui quem tá no controle sou eu.

P5: Fala e escuta “cocaína” [pausa]. É feio né? Agora “padê” [pausa]. Viu como é diferente? Por isso é padê!

P8: Falar cocaína já estraga a onda. Se tu for entrar nessa, tu não vai curtir, e o objetivo é curtir. Então fala como se fala e não pergunta.

Ao observar e compartilhar as experiências dos interlocutores, podemos perceber como o prazer mencionado por eles serve para lidar com o contexto sociocultural que os afeta. O uso de drogas, associado a terminologias alternativas que expressam uma forma ritualizada de vivenciar o lazer, caracteriza um momento específico na vida social desses participantes, que é a *rave/club* e a maneira como esses homens homossexuais se relacionam com suas vidas cotidianas.

Esses diálogos mostram como os interlocutores utilizam termos alternativos para se referir às drogas, buscando desassociar o uso dessas substâncias de preconceitos e estereótipos sociais. Essa mudança de linguagem também pode ser entendida como uma estratégia para construir uma identidade coletiva e compartilhada dentro do grupo, reforçando uma visão mais positiva e ritualística em relação ao consumo de drogas durante suas práticas de lazer.

Assim, para o subgrupo das *barbies*, seria uma forma de se distanciar da releitura social dos demais subgrupos da comunidade LGBTI+ que os rotulam como fúteis e consumidores de drogas. Dessa forma, *barbies* não estão “drogadas”, mas sim “colocadas”, sugerindo que o uso é voluntário, prazeroso e legítimo, como destacado por Becker (2008). Identificamos, também, algumas estratégias para lidar com possíveis

efeitos negativos do consumo das substâncias, tanto antes, quanto durante e depois desse uso:

P9: Comi bem antes de vir. Hoje nada me derruba.

P10: Bebe água, tu tá ai há horas fritando e daqui a pouco vai dar pane...

P11: Toma aqui, usa o *Vick* no nariz, ajuda a refrescar e tira a ardência.

P12: Chegar em casa tomar vitamina de *whey*, meu antidepressivo e dormir, assim já acordo feliz e sem tristeza.

P13: Tem que reduzir danos, né gata! [homem sentado no fumódromo comendo açaí e bebendo Coca-Cola].

Percebemos o acionamento de uma espécie de protocolo de segurança reconhecido como Redução de Danos (RD). MacRae (2021) explica que reduzir danos faz parte de um conjunto de ações que primam pelo sujeito em contato com a droga, isto é, entende que a substância está presente no dia a dia e/ou eventualmente e seu uso causa respostas ao organismo que podem ser dirimidas a partir do autocuidado e o consumo consciente. Quando vemos a atenção dos interlocutores em se hidratar, se alimentar e gerenciar esses momentos também em seus colegas, percebemos que são perspectivas êmicas do grupo em questão. Destacam-se preocupações e cuidados entre si, que visam diminuir riscos ou danos que o uso das drogas poderia causar, inclusive com uso de fármacos específicos (o antidepressivo, por exemplo)

Logo, interpretar essa realidade a partir do lazer invasivo e selvagem de Rojek (1999) precisa ser tensionado. Se por um lado, Rojek defende que o sujeito almeja mascarar elementos considerados inválidos sob o prisma de que as condições sociais envolvidas neste processo não se alterarão, por outro, percebe-se que essas atitudes vão na contramão do que seria um processo autodestrutivo, ou ainda que o seja, parece ser de modo intencional, fracionado e cuidadoso.

Para além de práticas de autocuidado entre si, também é importante notar que as formas como o consumo de drogas eram realizadas pelos participantes se dava de forma ritualizada, que acabava por reforçar o elo social entre eles. Esses episódios encontram-se descritos nos cenários abaixo:

Cena 1: Juntamente de mais cinco integrantes, entramos em conjunto na cabine do banheiro do térreo. Formamos um círculo, P5 cedeu seu celular para que nele fossem despejadas cocaína e ketamina. P2 sacou um cartão e misturou as substâncias, dividindo o produto em cinco “carreiras”. Logo em seguida, P1 cedeu um canudo pequeno e cada um aspirou uma carreira. Ao término, saímos e nos dirigimos à pista de dança.

Cena 2: Durante a entrada na boate, nas filas, os interlocutores ingeriam comprimidos identificados como “bala”, sob a justificativa de já entrarem “na onda”. Também, era recorrente o consumo da mesma substância mais duas ou três vezes ao longo da madrugada, sob a justificativa de que o efeito já havia passado. Assim que os efeitos das substâncias inaladas passavam, no julgar dos participantes, novamente se reuniam e se dirigiam para o banheiro para realizar uma nova rodada de consumo. Essa etapa era denominada de “retocar a maquiagem”.

Cena 3: P4, um dos mais avantajados financeiramente de seu grupo, oferecia drogas para seus companheiros quando solicitado: “Depois da pandemia complicou um pouco, mas eu sempre salvo os meus [amigos], não tenho problema de compartilhar, desde que eu tenha e sobrando”.

Como se percebe, o consumo das substâncias seguia um código comum, uma espécie de ritual para se consumir e desfrutar dos prazeres que as drogas ofertavam, estabelecendo conexões entre os próprios interlocutores. Alguns deles mantêm laços afetivos fora do espaço analisado, então nesses momentos observados, eles se reuniam para se divertir e aproveitar ao máximo a companhia de/no seu(s) grupo(s) social(is).

Neste sentido, reportamos a Carvalho (2016) e sua interpretação acerca das redes significativas que são estabelecidas entre os consumidores de substâncias para configurar uma espécie de “sociedade tribal”, isto é, um grupo de que se vale da adoção de medidas ancestrais, históricas e que se encontram intrínsecas ao caráter biopsicossocial do ser humano. O uso e repartição em conjunto, por exemplo, ocorriam como uma espécie de rito, onde os sujeitos se reuniam em círculo para apreciar a

mistura das substâncias em um eixo (o celular, por exemplo), que era posteriormente finalizada (com o uso do cartão para misturar as substâncias) e só então consumida de forma sequencial, compartilhando o mesmo objeto continuamente (o canudo ou uma nota de dinheiro enrolada, por exemplo). A reprodução deste modelo se deu veementemente fiel em todos os eventos observados.

Além disso, as trocas e partilha das substâncias, ainda que pouco registradas, eram uma das formas de fortificar o vínculo entre os interlocutores, já que eram compartilhadas bebidas e outras drogas de acordo com a disponibilidade de cada um(a), isto é, no caso de acabar alguma substância de algum membro, outro prontamente cedia a sua para manter o consumo sempre presente ao longo da madrugada. Geralmente, essas substâncias eram cedidas em maior quantidade pelos sujeitos de classe média-alta/alta aos demais, até mesmo pelo alto custo das drogas consumidas nesses espaços

No entanto, é importante considerar que os rituais associados ao consumo de substâncias podem variar em diferentes contextos e grupos sociais. As práticas descritas aqui são específicas do contexto observado, e outras comunidades ou culturas podem ter suas próprias formas de realizar essas cerimônias de consumo.

A Academia de Ginástica

Nas sessões de treinamento observadas durante um mês em uma rede de academia internacional localizada no bairro de Ipanema, percebemos que os sujeitos da pesquisa faziam uso de diversas substâncias para aperfeiçoar seu rendimento no momento de treino, dentre esteroides anabolizantes e suplementos alimentares, mas a que mais se destacou foi a cocaína (padê), que era consumida dentro da academia logo antes dos treinos.

Sempre ao chegar, um grupo de seis homens se dirigia aos vestiários para guardar mochilas e para se reunir na última cabine de banho, mais distante do fluxo de pessoas, onde cheiravam as primeiras carreiras de cocaína para malhar. Enquanto isso, um deles sempre ficava do lado de fora mexendo na bolsa e simulando que procurava algo entre seus pertences, mas sua intenção era sinalizar quando os colegas poderiam sair da cabine sem serem vistos, batendo três vezes na porta. Nesse momento, um deles saía e trocava de lugar com o colega que estava vigiando. Após mais alguns segundos, todos saíam e se dirigiam para a sala de musculação, prontos para treinar e interagir. As justificativas desse consumo eram diversas, como podemos notar nas falas de P12, P13 e P14:

P12: É um turbo, assim eu consigo me dedicar mais e trincar. Daqui a um mês tem a [Nome de uma festa] e eu preciso chegar sequinho, mas aí tem que tomar cuidado, porque se não comer bem eu perco massa magra. Isso que é foda, porque o padê tira toda a fome, mas aí preciso comer feito um cavalo para preservar os músculos... Uó.

P13: Chega uma hora que fico zozzo, enxergo mais nada, parece que vou desmaiar, o coração pulando para fora da boca, mas é assim que eu gosto, essa sensação na beira do abismo, sobe um calor todo na cabeça... Se eu estivesse puro chegaria nem perto.

P14: Se não der um tiro eu não consigo treinar. Nem que seja um tirinho pequenininho só. Se não fizer fico me arrastando, puxo nem metade do que eu consigo, fica chato. Não gosto de treinar assim.

Como se percebe, o consumo da cocaína era realizado com fins de se aumentar o desempenho dos praticantes e auxiliar na conquista de um corpo definido e com baixas taxas de gordura, ainda mais próximo de um determinado evento. Pelo constatado, a ausência da cocaína sinalizava um corpo fraco e sem energia para a realização do treino do dia, sendo condicionada então a um bom desempenho. Os efeitos provocados pela droga ainda eram excitantes para P13, que gostava de estar “no limite”, muito embora a noção do que seja esse limite não fique clara e atue primordialmente como um campo simbólico do que se estima do desempenho (Silva, 2017).

Conforme Le Breton (2003), a conduta de risco, amplamente disseminada e aceita no universo das masculinidades, transfigura-se como aventura, gerando sensações satisfatórias principalmente quando o perigo é experienciado e superado. Para P13, tornou-se indissociável o treinamento sem o risco, de modo que o perigo da morte é ressignificado e sobrepujado através da metáfora “na beira do abismo”, isto é, chega-se muito perto desse lugar de ameaça à vida, mas consegue-se superá-la e a cada nova vitória, mais excitante se torna experienciá-la, já que “estar puro” impediria essa deflagração.

A cocaína acabava por desencadear reações esperadas ao grupo, como euforia, maior disposição e aumento da libido, todavia, trazia também efeitos “outros”, como a irritabilidade, impaciência e, ao fim do efeito, uma sensação de letargia.

P15: Aquela gorda filha da puta que não libera o aparelho, estou de saco cheio, ela nem tinha que estar aqui. Só atrapalha minha onda, aí eu fico aqui fazendo o que? Tinha que ser gorda, horrorosa!

P16: Bateu, bateu, não fala comigo agora não. Já tô puto com essa vagabunda aqui que não sai do equipamento, arrombada do caralho, atrapalhando meu treino... E ainda fica no celular, vadia desgraçada! Porra!

P17: Só tem deus grego aqui, vai tomar no cu. Depois vamos todos para a praia. A gente malha para isso né, chegar lá e chamar atenção, conseguir viçar fácil-fácil. Ainda mais cheio de padê, um tesão da desgraça e cheio de macho, tem como resistir?

P4: Vou ter que subir e dar mais um tirinho, já estou ficando lesado.

Embora sejam ambíguas, essas sensações acabam por ser ressignificadas pelos sujeitos, de modo que sejam compreendidas como agradáveis. Assim, Becker (2008, p. 65) explica que o consumo se torna contínuo, já que as sensações tidas como desagradáveis precisam passar por uma redefinição: “O prazer é introduzido pela definição favorável da experiência que uma pessoa adquire de outras. Sem isso, o uso não prosseguirá”.

A irritabilidade e impaciência eram dirimidas através de falas grosseiras e xingamentos direcionados aos corpos diferentes, uma possível estratégia para lidar com a impossibilidade de continuidade da prática de exercícios e reflexo de um corpo que não lhes desperta o desejo de consumo. Percebe-se que modelos de corpos alheios àquele cultuado/consumido pelo grupo era condenado e ojerizado, sendo interpretado como indigno de pertencimento naquele espaço. Nesse sentido, o corpo gordo da mulher estava cercado de xingamentos e zombaria, deflagrando que a gordura e a feminilidade pertenciam a um universo outro distante, além de “atrapalhar a onda”. Essa percepção faria com que existisse um sentimento de abjeção à presença daquele corpo, que era exacerbada quando ocupasse um dos aparelhos que o grupo gostaria de utilizar. Em outras palavras, “existe uma espécie de etiquetas corporais implícitas de acordo com o que o sujeito deve se enquadrar, ou melhor, há códigos de um saber-viver aceitos socialmente com/para o corpo” (Silva, 2017, p. 40).

Outra sinalização aponta para a expressão “deus grego”, popularmente acionada para se referir a corpos masculinos considerados belos. Fazia parte da rotina dos praticantes esse culto à hipervirilização e hipermasculinidade, tanto na esfera física quanto simbólica, de modo a constituir a identidade barbie. Cultuavam-se esses ideais através do treinamento intenso por eles realizado, mas também pelos pensamentos e representações que eram atribuídos aos portadores desses corpos, que seriam os responsáveis por um desejo de consumo. Conforme sinaliza Sabino (2002, p. 149), “A nova economia libidinal potencializa as paixões e é estabelecida pela lógica do consumo”. O uso de cocaína e de anabolizantes nesse contexto concretiza “estratégias instrumentais de manutenção do corpo considerado veículo do prazer e da auto-expressão, corpo produzido por uma sociedade individualista e racionalizante – e que a

produz”. Sabino (2002) sinaliza que neste meio o consumo dos corpos pauta-se pela lógico do gozo sexual, o mercado do orgasmo, tendo o corpo papel importante para atrair parceiros.

Também, percebemos, tal como nas festas, a adoção de alguns cuidados para não sobrecarregar o corpo com o consumo e/ou mistura de tantas drogas, principalmente de acordo com a rotina dos sujeitos, à luz das medidas de redução de danos (MacRae, 2021) ou controle de risco (Le Breton, 2003).

P15: Tem tanta mistura nesse corpinho aqui que eu já nem sei mais... Só sei que estou bem por causa dos meus exames, tudo direitinho, e meu endocrinologista cuida bem da minha reposição hormonal, até voltar ao normal.

P16: Hoje vou pegar leve no padê porque à noite tem a [Nome de uma festa] e lá sim vou aloprar, hoje é dia de esquecer o próprio nome, só saio de lá carregado. Tenho que economizar neurônio para gastar, treino de leve hoje.

Na fala de P15, percebe-se novo eufemismo desta vez empregado ao uso de anabolizantes ao dizer que está fazendo reposição hormonal de testosterona. Embora não tenha apresentado deficiência na produção deste hormônio, ele dizia realizar o uso biomedicalizado da substância para potencializar seus ganhos, deflagrando uma subordinação múltipla para se engajar nas práticas corporais de musculação, além de dessensibilizar o estigma atribuído a esse quadro de dependência: “A referência ao anabolizante como uma droga aproxima tal substância da ilegalidade” (Silva, 2017, p. 129) e “[...] ninguém ali “tomava” bomba e sim, de forma positivada, fazia reposição hormonal”.

Em linhas gerais, percebemos que o malhar sob efeito das drogas elevava a performance dos praticantes, além de deixá-los excitados e sexualmente dispostos a parceiros dentro e fora das academias. Por vezes ficavam irritadiços quando os aparelhos estavam ocupados, mas driblavam essa situação através de xingamentos e

flertes com outros homens. O consumo das substâncias era racionado e de forma consciente, ao ponto que surtisse efeito no momento do treino. O espaço da academia de ginástica surge como local de construção, mas principalmente de exibição, confraternização e experimentação desses corpos, isto é, como palco de interações sociais que se manifestam no estilo de vida desses sujeitos para além do espaço do exercitar-se.

A Praia de Ipanema

A praia surge na rotina dos interlocutores em dois momentos distintos, sendo um destino para o pós-academia durante os dias de semana ou um local de extensão das festas do final de semana (geralmente aos domingos). De início, vale sinalizar as fortes significações que as faixas de areia no Rio de Janeiro apresentam para o público de modo geral (Reis, 2013; Ribeiro, 2015; Gontijo, 2002; 2020; Barickman, 2022; Fortes, 2023) passando de um local para se banhar, relaxar, bronzear-se, praticar atividades físicas, ou também socializar, divertir-se, relacionar-se com outras pessoas de modo afetivo e/ou sexual, evidenciar o corpo e, como veremos adiante, consumir drogas. Nesse sentido, ficam explícitas as influências sociais e históricas que pairam sobre o processo de constituição das praias como um elemento identitário e territorializado da população fluminense, fortemente influenciadas pelo desenvolvimento, urbanização e explosão cultural da/na região ao longo do século XX (Gontijo, 2002; Barickman, 2022; Fortes, 2023).

O processo de territorialização fica mais evidente quando percebemos que havia uma faixa específica a se frequentar pelos interlocutores, a saber: aquela que ficava entre os postos 8 e 9, na altura da Rua Farme de Amoedo. Gontijo (2002) explica que no universo LGBTI+, a ocupação e identificação desse espaço se deu principalmente por

barbies ao longo da década de 1990, que representavam uma ideia moderna e globalizada do universo gay nos anos pós epidemia de aids, aparentemente mais preocupada com a saúde de corpo e padrões de beleza homogêneos. Ribeiro (2015) endossa que no local se manifestam interações sociais amparadas em simbolismos específicos da comunidade, de modo que não basta apenas inserir-se corpo no espaço, mas também exibir aspectos de poder social e econômico. Esses seriam os requisitos para uma boa aceitabilidade e experenciação no local.

Ir à praia também era um processo ritualizado, visto que, tanto saindo da academia e/ou de suas residências, muito próximas do local, eles despiam as roupas e realizavam o trajeto de sunga, não sendo raro cruzarem com conhecidos ou flertes e trocaram informações, carícias e até mesmo drogas que consumiriam no local. Alguns dos diálogos que representam essa asserção encontram-se a seguir:

P18: Depois daqui [academia] vou para a Farme [praia], o [Nome de um rapaz] falou que também vai e eu vou encontrar ele lá. Estou levando Viagra®, então já sabe né [risos]

P21: Aquele ali [olhando discretamente para um rapaz mais afastado] disse que vai para a Farme depois [da festa], vou aproveitar e ir junto. Ele disse que tem key e padê, é bom que eu nem preciso levar nada e a gente se diverte lá mesmo,

P22: Eu gosto assim, mal cheguei [na praia] e já fui olhado por dois. Já to cheio de tesão do padê, hoje eu levo uns três lá para casa.

As expectativas dos interlocutores eram, em maioria, atingidas durante os momentos em que estavam nas praias. Logo ao chegar, por exemplo, sempre se encontravam com outros homens igualmente musculosos, alguns já conhecidos previamente, outros que conheciam ali mesmo. A troca de drogas entre eles era muito comum, de modo que o consumo delas se sustentava até o momento de irem embora. Outras interações também ocorriam e sinalizavam para possíveis maneiras de lidar com

as sensações que estavam experienciando. Sempre muito falantes, conversavam, se abraçavam e se beijavam, e não era incomum constatar contatos sexuais discretos entre eles a partir de carícias nos mamilos e pênis ereto de seus colegas sob sungas volumosas.

Mostrar/atritar o corpo era importante para sinalizar o status e a ideia de pertencimento ao universo ali constituído. As práticas adotadas, como o uso de drogas (anabolizantes, cocaína, ecstasy, Viagra®, maconha) e a hipersexualização entre os membros, também emergem como aspectos importantes da constituição desse cenário, já que eram continuamente repetidos como requisito para pertencer verdadeiramente a essa representação.

O espaço da praia revelou uma relação íntima entre lazer e o consumo de drogas à luz da liberdade e diversidade, onde homens homossexuais se sentem à vontade para expressar suas identidades e sexualidades sem medo ou estigma, intensificando experiências de lazer, sexualidade e sociabilidade. De fato, a literatura já apresenta diversos estudos da praia como um local importante para a troca de experiências e interações entre homens homossexuais no Rio de Janeiro (Gontijo, 2002; 2020; Ribeiro, 2015; Garcia, 2022; 2023b; Garcia; Fortes, 2023).

Em nossa pesquisa, constatamos que as experiências nesse local por parte do público investigado tornam impossível mensurá-las em sua totalidade. Alguns membros dos grupos portavam caixas de som em que reproduziam música eletrônica em som alto, fazendo das areias uma boate a céu aberto. Muitas das representações que percebemos na boate propriamente dita, se reproduziam ali: o uso das mesmas substâncias de modo ritualizado, as relações de conexão e cuidado entre amigos, a partilha de substâncias “para que assim possamos viajar juntos” (P23), as estratégias de redução de danos -

como maior hidratação e até mesmo o banho de mar quando se identificava um possível quadro de hipertermia dos interlocutores (geralmente desencadeado pelo uso de ecstasy, mistura de outras drogas e o forte calor da região).

Ao final do dia na praia, era muito comum dizerem “Chega né, já é hora de parar”, “Tá bom já, né? *Bora* voltar ao normal” e, para isso, usavam maconha juntos, sentados em círculo na areia, passando o baseado uns para os outros e sempre respeitando a ordem circular do grupo. Comumente, eles se beijavam e trocavam gestos carinhosos. Não era raro, inclusive, que saíssem juntos com a intenção já revelada de encerrar o dia com sexo, “chapados, ao som da MPB [Música Popular Brasileira], e com um bom vinho”. Essa conclusão do dia, de acordo com o discurso dos interlocutores, era “fechar o dia com chave de ouro”.

No contexto explorado, a apreciação das formas de lazer, os prazeres e vivências dos interlocutores estão entrelaçados ao estilo de vida desses sujeitos, desafiando a concepção de que tais práticas são exclusivas de ambientes como academias, praias ou festas. Na era contemporânea, os regimes corporais, as práticas de lazer e a configuração da sensualidade tornaram-se foco constante de reflexão, dada a diversidade de opções e espaços disponíveis. Esses regimes não se restringem a ideais emergentes de aparência corporal ou locais populares; eles são construídos por meio de idealizações internas, adoção de hábitos diários, relações pessoais com o próprio corpo e com o corpo alheio, além de envolverem status, valores, medidas, entre outros. Esse processo é influenciado por uma interação complexa de fatores sociais, individuais e culturais (Sabino, 2002).

Nesse período, surge a dificuldade de determinar um local específico para a realização dessas práticas, revelando uma relação simbiótica entre esses diferentes

espaços. O uso das drogas está tão presente no dia a dia dos interlocutores que é praticamente impossível dissociá-lo em suas ações cotidianas, visto que aparecem em todos os contextos do público participante do estudo. Nesse sentido, o lazer e as práticas diárias estão associados a elementos que se direcionam para essa dinâmica específica, parecendo ser consenso que sem as substâncias em questão, os sujeitos seriam incapazes de interagir/viver como se espera que um homem gay, barbie, viva no Rio de Janeiro. Isso nos leva a questionar: nesta microrrealidade, é possível fazer parte desse subgrupo e viver intensamente todas as experiências culturais e seus prazeres sem o uso dessas drogas? A resposta aponta para o estabelecimento de um novo tipo de agência e estilo de vida onde as drogas parecem ser indispensáveis. Nesse contexto, parece não fazer sentido perguntar “por que você usa drogas?” e sim “por que alguém não usaria drogas?”⁵.

Últimas Considerações

Durante esta empreitada etnográfica com um grupo específico de homens gays no Rio de Janeiro, pudemos observar de forma detalhada como o consumo de drogas se entrelaça com o modo de vida desses indivíduos. Uma das facetas identificadas foi o consumo intencional de substâncias para atingir objetivos estéticos. Os participantes, conscientes da influência da imagem corporal em suas vidas, compartilharam como o uso de drogas na academia durante a semana é parte de sua busca por corpos fortes, esculpturais e atraentes que, posteriormente (principalmente aos finais de semana), gozavam de capitais estéticos, sociais e de gênero próprios entre si. O consumo dessas substâncias visava auxiliar no ganho de massa muscular, obter definição e suprimir o

⁵ Essa sentença não é uma apologia ao uso das drogas, mas nos ajuda a entender o estranhamento que existe, principalmente entre os membros desse subgrupo, quando se deparam com sujeitos outros que vivem sem fazer uso das mesmas substâncias que eles.

apetite, contribuindo para a construção de uma aparência física idealizada para contatos amorosos e sexuais nos momentos de diversão e/ou lazer.

Em relação às praias, pudemos observar que são espaços onde ocorrem encontros amorosos e sexuais discretos, onde práticas sociais e interpessoais são administradas de forma muito peculiar. Durante esses momentos, percebemos o uso de drogas como uma forma de intensificar sensações de prazer, conexão e intimidade entre os membros da comunidade. Os participantes buscavam explorar a sexualidade e a liberdade em um ambiente considerado propício, onde a combinação de drogas e encontros parecia criar uma atmosfera de desinibição e experimentações extasiantes de lazer – e de vida.

Já nos fins de semana, as festas se destacavam como um contexto em que o consumo de drogas se tornava mais evidente. Pudemos constatar que os participantes faziam uso dessas substâncias para vivenciar uma experiência de diversão intensa, escapismo e prazer. Nesses eventos, havia uma ênfase na interação com corpos masculinos, musculosos e atraentes, onde o consumo de drogas muitas vezes estava associado à busca por sensações amplificadas, desinibição social e a expressão de desejos e fantasias.

Essas observações detalhadas dentro do grupo pesquisado revelam a complexidade e a interconexão entre o consumo de drogas, a busca pela estética corporal, as relações amorosas e sexuais, e a busca por prazer e satisfação pessoal. No entanto, é importante ressaltar que essas são observações específicas do grupo estudado e não podem ser generalizadas para toda a comunidade LGBTI+. Reconhecemos, por fim, que existem diferentes experiências e perspectivas dentro dessa diversa

comunidade, bem como inúmeras outras formas de se usar e experienciar as drogas e o lazer, sendo estas aqui narradas apenas algumas delas.

REFERÊNCIAS

- BARICKMAN, B. J. **From Sea-Bathing to Beach-Going: a social history of the beach in Rio de Janeiro, Brazil**. Edited by Hendrik Kraay & Bryan McCann. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2022.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRAGA, G. T. **'O fervo e a luta': políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim**. 293f. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 maio 2016.
- CARVALHO, M. C. A. **Ambientes Recreativos Noturnos: as dimensões ambientais e os fenômenos do uso de substâncias psicoativas, do risco e da proteção**. 493f. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2016.
- CASTILHO, C. T. Entrevista com Chris Rojek: percurso acadêmico e aproximação com os estudos do lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 133-149, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/439> Acesso em: 10 jan. 2024
- CASTILHO, C. T. Lazer marginal e contemporaneidade: instigando e dialogando na Pós-Graduação Stricto-Sensu. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 301-331, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/45728> Acesso em: 10 jan. 2024
- COUTINHO, T. O uso do corpo nos festivais de música eletrônica. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 411-431.
- DIAS, L. F. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os Povos Indígenas do Uaçá. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 199-218

FIGLIARO, M. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. 210f. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2013.

FRANÇA, I. L. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. 291f. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2010.

FREITAS, H. Experiências de lazer e jovens universitários: consumo de álcool e vivências noturnas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 531-532, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24098> Acesso em: 13 jul. 2023

FORTES, R. A obra From Sea-Bathing to Beach-Going: A Social History of the Beach in Rio de Janeiro, Brazil e a contribuição de seu autor, Bert J. Barickman, para a História do Lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 274-294, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/47252> Acesso em: 07 dez. 2023

GARCIA, R. M. Consumo de drogas em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro: uma microrrealidade de homens gays. In: SILVA, A. C. (Org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba: Editora Bagai, 2022. p. 151-162

GARCIA, R. M. Corpos eufóricos na musculação: o uso de cocaína como pré-treino em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E O CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XXIII, X, 2023. Fortaleza/CE. **Anais...** Fortaleza/CE, 2023a. Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/658f217be1fa8Anais%20Completo%202023%20v.2.pdf> Acesso em: 11 jan. 2024.

GARCIA, R. M. Consumo de drogas e lazer: análise das dinâmicas sociais de uma casa noturna no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E O CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XXIII, X, 2023. Fortaleza/CE. **Anais...** Fortaleza/CE, 2023b. Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/658f217be1fa8Anais%20Completo%202023%20v.2.pdf> Acesso em: 11 jan. 2024.

GARCIA, R. M.; FORTES, R. As dinâmicas sociais e o consumo recreativo de drogas na Praia de Ipanema/RJ: as vivências de lazer e experimentações desviantes do público LGBTI+. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURAS: DIÁLOGOS POR UMA DEMOCRACIA PLURAL, IX, 2023. Belo Horizonte/MG. **Caderno de Resumos...** Belo Horizonte/MG, 2023. Disponível em: <https://culturas.cc/congresso2023/caderno-de-resumos/> Acesso em: 11 jan. 2024.

GONTIJO, F. “Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas”. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 41-77.

GONTIJO, F. Diversidade, arbitrários e trânsitos: memorial acadêmico. **EntreRios**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 112-163, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/entrierios/article/view/5218/4116> Acesso em: 23 no. 2023.

HENMAN, A. R. A coca como planta mestra: reforma e nova ética In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 369-382

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

MACRAE, E. **A questão das drogas: pesquisa, história, políticas públicas, redução de danos e enteógenos**. Salvador: EdUFBA, 2021.

MARCELLINO, N. C. Lazer: concepções e significados. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 37-43, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1555> Acesso em: 03. Maio 2023.

PASQUIM, H. M.; SOARES, C. B. Lazer, saúde coletiva e consumo de drogas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 305–328, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1111> Acesso em: 17 jun. 2023.

REIS, D. N. **Homens distintos: consumo, construção do corpo e identidade gay viril**. 119f. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

RIBEIRO, A. G. **Que gay sou eu? Interseccionalidades em praias gays do Rio de Janeiro**. 138f. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2015.

ROCHA, S. S.; HALPERN, S. C. Interface entre uso de drogas e lazer: percepção de usuários de um CAPS ad de Cuiabá–MT. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 534–566, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/16280> Acesso em: 23 jul. 2023.

ROJEK, C. Abnormal leisure: invasive, mephitic and wild forms. **Loisir et société/Society and Leisure**, v. 22, n. 1, p. 21-37, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07053436.1999.10715574> Acesso em: 03 abr. 2022.

ROMERA, L. A. As drogas e os cenários de lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 303-317, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/982> Acesso em: 11 jun. 2023.

ROMERA, L. A. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 1-18, set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/864> Acesso em: 14 jul. 2024.

ROMERA, L. A. Esporte, lazer e prevenção ao uso drogas: dos discursos equivocados aos caminhos possíveis. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 1-19, dez. 2013. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/674> Acesso em: 14 jul. 2023.

ROMERA, L. A. Juventude, lazer e uso abusivo de álcool. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/897> Acesso em: 14 jul. 2023.

ROMERA, L. A. MARTINS, M. Z. A busca por tensões nas experiências de lazer: uma releitura de Norbert Elias. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 367-391, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1707> Acesso em: 16 set. 2023.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-187.

SILVA, A. C. **Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2017.

SIMÕES, J. A. Prefácio. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-22

STIGGER, M. P.; MYSKIW, M. Etnografia e estudos no/do lazer: aspectos da observação participante. In: ISAYAMA, H. F.; MELO, V. A. (Orgs.). **Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p.101-122.

VELHO, G. **Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Endereço dos Autores:

Rafael Marques Garcia

Endereço eletrônico: rafaelgarcia@eefd.ufrj.br

Rafael Fortes (*in memoriam*)

Endereço eletrônico: rafa.fortes@gmail.com